

*Estudos Literários & Comparados***A POESIA DE LINO GUEDES
E OS DILEMAS DOS HOMENS NEGROS NO PÓS-ABOLIÇÃO***Ricardo Riso**

RESUMO: Atuante no movimento social e na imprensa paulista da década de 1920 até a sua morte em 1951, o escritor Lino Guedes (1897-1951) buscou retratar na poesia os conflitos e anseios da comunidade negra paulista no pós-abolição, servindo como fonte para refletir as masculinidades negras e os embates entre homens negros e brancos interseccionados por gênero, raça, classe, religião e nacionalidade. Neste artigo, a análise de poemas baseia-se em Oswald de Camargo, Zilá Bernd e Cuti, já as masculinidades negras pelas formulações de Osmundo Pinho, Henrique Restier, Rolf de Souza e Frantz Fanon.

PALAVRAS-CHAVE: Lino Guedes. Homens negros. Masculinidades negras. Literatura negro-brasileira. Raça.

Modernismo, gênero e raça: encruzilhadas na poesia de Lino Guedes

Em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, publicado em 1952, o psiquiatra martinicano Frantz Fanon traça os seguintes questionamentos: “O que quer o homem? O que quer o homem negro?” (2008, p. 26). A partir daí, Fanon expõe como o negro encontra-se na “zona do não-ser”, pois para ser homem ele precisaria das máscaras brancas, porém, esse desejo esbarrará na incompletude, uma vez que seu corpo será sempre racializado pelo outro, o branco, o modelo de homem e de humanidade. Esse corpo do homem negro, na estrutura colonial, é formado por estereótipos nos quais ora é emasculado, isto é, infantilizado, servil, impotente, ora é hiper-representado, ou seja, violento, agressivo, irracional e sua sexualidade é temida. Tais características impediriam o desejo exposto por Fanon de o homem negro “simplesmente ser um homem entre os homens” (FANON, 2008, p. 106).

Tendo em vista as considerações de Fanon, entendemos que gênero e raça estão imbricados nas relações entre homens negros e homens brancos, e assim compreendermos como se dá o dinamismo relacional das masculinidades em disputas por visibilidade e status

* Doutorando em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Relações Étnico-Raciais (CEFET/RJ).

social (SOUZA, 2013), só que focaremos como os homens negros carregam desvantagens na forma como são masculinizados e racializados.

Diante desse fato, o presente artigo propõe que esse debate seja refletido a partir do surgimento do modernismo brasileiro, mas focalizando nossa análise na poesia de Lino Guedes, escritor e ativista negro que atuou na literatura e na imprensa negra durante a década de 1920 até a sua morte em 1951. Analisar a poesia de Lino Guedes possibilita questionar, no campo literário, onde estavam as autorias negras, como o modernismo e seus autores (homens e brancos) trataram os corpos negros e lidaram, ou se apropriaram, de características das culturas negro-brasileira e negro-africanas, no que desencadeou o negrismo, assim como refletir e tensionar o projeto político-identitário que estava sendo formulado para o Brasil, em um contexto no qual o ideal de branqueamento e o racismo eram explícitos em políticas públicas e por intelectuais de diferentes áreas. Por outro lado, a poesia de Lino Guedes ajuda a refletir as escolhas ético-estéticas do modernismo e seus agentes, colocando-as na encruzilhada, trazendo, assim, outra perspectiva para a literatura brasileira a partir de um *eu* poético negro visando um público negro (BERND, 1988; CUTI, 2010); já no campo político, a poesia de Lino Guedes nos auxilia a compreender quais foram as estratégias de um determinado grupo de intelectuais e ativistas negros, reconhecidos como a “elite de côm” (PINTO, 2013; DOMINGUES, 2004), procurava atuar no estado de São Paulo, mais precisamente na capital e em Campinas, diante das disputas das masculinidades entre homens negros e brancos (DOMINGUES, 2010; SILVA, 2017).

Como caminho metodológico, analisamos a poesia de Lino Guedes tendo como recorte temporal o período de 1927 a 1951, quando publica os seus livros, a partir das formulações de Oswaldo de Camargo (2016; 1987; 1986), Zilá Bernd (1988), Cuti (2010), os brasilianistas Roger Bastide (1983) e David Brookshaw (1983); e o modernismo e o negrismo por Luiz Henrique da Silva Oliveira (2014). Para analisar as disputas entre homens negros e homens brancos, utilizamos as noções de falomaquia de Rolf de Souza (2013), de desrepresentação do negro, formulada por Osmundo Pinho (2004), o duelo viril, de Henrique Restier (2019), além de debatermos a noção de masculinidade hegemônica e o seu contraponto, as masculinidades negras.

Frisamos que partimos de um autor negro que prezava pela moral, a família negra, os bons costumes, a fé católica, o acesso à educação e ao trabalho para que a população negra integra-se a sociedade nos padrões brancos. Sua poesia, apesar de vislumbrar um público negro, não era uma poesia de enfrentamento, revolta ou de experiências estéticas modernistas. As contradições de Lino Guedes e do grupo paulista que formava a “elite de côm”

auxiliam a nossa reflexão das estratégias utilizadas naquele período do Entreguerras, ditadura Vargas, políticas de branqueamento e de muitas adversidades para negros e negras. Assim, subdividimos o artigo em uma primeira seção que trata das masculinidades, em seguida o negrismo no modernismo, a seção seguinte Lino Guedes e sua poesia, depois as considerações finais e as referências.

Masculinidades

A ascensão do movimento feminista estabeleceu novas discussões a respeito das identidades sociais ao provocar a desnaturalização da mulher como subalterna, revelando a ordem patriarcal e as estruturas opressivas baseadas em fundamentos masculinos e sexistas. Com isso, surge a categoria gênero para mostrar a arbitrariedade das diferenças sexuais produzidas histórica e culturalmente, e como essa estrutura de poder construiu as desigualdades (PINHO, 2004). Seguindo essa perspectiva, o homem percebeu-se como partícipe das estruturas de gênero, mas essa desconstrução foi motivada pela luta feminista em denunciar as opressões machistas. Segundo Osmundo Pinho (2004), o homem “foi reconduzido a sua diversidade e variação histórica. Aprendeu a perceber que existem muitas formas diferentes de masculinidades que se multiplicam pela história e pela cultura”, assim, “aprendeu a perceber as diferentes versões de masculinidades concorrentes, ou ao menos coabitantes, no ambiente sociocultural das sociedades modernas”. Pinho entende que é possível mencionar a existência de “masculinidades hegemônicas ou hegemônicas e em subalternas ou subalternizadas”, mas há uma relação de dinamismo entre hegemônicos e subalternos, pois não são definidos essencialmente, mas “sim como sujeitos políticos engajados em jogos de poder e dominação que ocorrem em contextos sociais estruturados, porém abertos à inovação” (2004, p. 65). Nesse sentido, um indivíduo masculino desloca-se entre sujeitos sociais de gênero e estrutura de gênero, podendo “apresentar uma posição hegemônica em dada situação e, em outra, estar colocado em situação subordinada” (2004, p. 66). Assim, as identidades masculinas subalternas seriam “um lugar da contradição entre sistemas de poder diferentes (...) que, ao se combinarem interseccionalmente, produzem novas diferenças, desigualdades e vulnerabilidades” (2004, p. 66). Com isso, no Brasil, a masculinidade hegemônica seria representada pelo homem branco, heterossexual, de classe média, cristão. Esta teria as condições necessárias de acesso ao poder para subalternizar outras masculinidades, valendo-se de práticas simbólicas (estereótipos e desumanização) e práticas físicas (violência policial). Logo, poucos são os homens que estariam enquadrados em tal modelo, ainda que seja posto como o ideal, o

que conduz a atenção para as masculinidades subalternizadas, ou seja, as dos homens negros, homossexuais e pobres.

Nesse contexto, o homem negro é hiper-representado, entendido por formas que possibilitem práticas reais de marginalização e violência. Segundo Pinho (2004, p. 66), “é preciso desrepresentá-lo como um modo prático de desalienação e de reconstrução de possibilidades políticas e culturais”. Assim, o homem negro é representado como o corpo negro, simbolicamente construído pelo olhar do branco. Dessa forma, para o homem negro o seu corpo “é o lugar de uma batalha pela reapropriação de si do negro como uma reinvenção do self negro e de seu lugar na história. Uma reapropriação do corpo como plataforma ou base política revolucionária” (2004, p. 67). Pinho afirma que o corpo negro está voltado para o trabalho e é um corpo sexuado:

Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco (p. 67)

Nessa perspectiva que as masculinidades negras seriam marginalizadas pela masculinidade hegemônica, pois aquelas estariam distantes dos padrões exigidos por esta, tanto de bens simbólicos como materiais. Assim, a categoria raça não pode ser desconsiderada entre as masculinidades, uma vez que os corpos dos homens negros são temidos em uma estrutura racista, precisando que sejam inferiorizados, e foi esse o processo que ocorreu no Brasil da República Velha, das primeiras décadas do século XX, pois tivemos na educação a exclusão de professores negros e negras (DÁVILA, 2006), a criminalização dos corpos negros, perigosos por natureza, fundamentada pela aliança entre direito criminal e medicina legal (FERLA, 2009), a suposta inadequação ao trabalho assalariado e baixa instrução formal, que seriam motivos para justificar a preferência pelo trabalhador imigrante em São Paulo (DOMINGUES, 2004). Todas essas intersecções atuaram para a marginalização do homem negro, ora emasculando-o, ora hiper-representando-o, mas que não foram consideradas por cientistas sociais brasileiros consagrados, como Florestan Fernandes e Caio Prado Jr., os quais condicionavam a não integração do negro à sociedade em razão da sua inadequação ao mundo do trabalho capitalista.

A sexualidade dos homens negros ainda se tornou uma ameaça para os homens brancos, levando-os a proteger a mulher branca. Na história da colonização brasileira, as mulheres eram alvo de disputa, já que as mulheres, independentemente da cor, eram inferiores ao número de homens, além da estrutura colonial desigual para homens brancos e homens negros,

colocando as mulheres negras em posição de fragilidade para os homens brancos. Rolf de Souza utiliza a noção de falomaquia para ilustrar esses embates no contexto brasileiro:

os homens negros se tornaram um obstáculo ao projeto de embranquecimento da nação, sonhado pela elite nacional. Eles eram o obstáculo que teria que ser removido e, para isso, se construiu um aparato eficaz que ecoa até hoje em vários segmentos de nossa sociedade. As representações de homens negros e brancos fazem com que estes dois grupos se coloquem em posição antagônica pela disputa pelo prestígio da masculinidade. Cabe lembrar que as interações entre homens, de qualquer grupo étnico são marcadas pela disputa entre homens de origem africana e europeia que têm características próprias, subjazendo, neste pugilato, todos os mitos criados em torno do pênis do homem africano, a sombra que o homem branco criou e que se voltou sobre ele mesmo, pois existia um profundo medo cultural do negro figurado no temor psíquico da sexualidade ocidental (Bhabha, 2003:71). Esta disputa (maquia) pelo poder (phallus) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos é o que eu chamo de falomaquia (Souza, 2013, p. 7-8).

Rolf de Souza (2013, p. 13) cita Raewyn Connell (1995) para demonstrar as estratégias da masculinidade hegemônica em desqualificar as masculinidades negras para se impor como o ideal a ser seguido, como a referência de masculinidade a ser seguida. O homem negro, então, nas relações heterossexuais, seria o grande rival do homem branco pela disputa de mulheres brancas e negras, fazendo com que os homens negros e brancos “estejam em contínua falomaquia”.

Henrique Restier (2019) complementa essa abordagem por outro viés ao utilizar a noção de duelo viril, de Christelle Taraud (2013), que diz respeito sobre as disputas viris entre colonizadores e colonizados focalizando nas disputas por mulheres. Restier acrescenta que esse duelo viril, no contexto brasileiro de ideologia de branqueamento, possui dois tabus: dos relacionamentos afetivos do homem negro com a mulher branca e do homem negro com a mulher negra, sendo que nas duas ocasiões a presença do homem negro seria o maior empecilho para o ideal de branqueamento brasileiro, pois ele seria considerado o “agente enegrecedor”, a “antítese-viril” do agente branqueador da nação, o homem branco, portanto, quaisquer relacionamentos deveriam ser desestimulados. Acompanhando Laura Moutinho (2004), Restier discorre que um relacionamento entre o homem negro e a mulher branca seria um relacionamento tabu, pois seria contrário ao ideal de mestiçagem, além de estremecer a correlação de forças viris entre as masculinidades. Para combater isso, o corpo negro passaria a ser hipervirilizado, “distorcendo seu porte físico (ultrarresistente), força (sobre-humana), moralidade (degenerada) e sexualidade (desenfreada), aproximando-o do reino animal, tornando-o um perigo que precisaria ser domesticado” (RESTIER, 2019, p. 42). Sobre a relação do homem negro com a mulher negra, Restier compreende como outro tabu, já que o homem negro seria considerado o agente enegrecedor da nação. Sobre isso exporemos à frente,

quando analisaremos a poesia de Lino Guedes, mas, antes disso, vamos expor a relação do modernismo com os corpos negros e as heranças culturais negro-brasileira e negro-africana, via negrismo.

O negrismo no modernismo brasileiro

A virada do século XIX para o século XX faz com que os europeus tenham maior contato com as artes africanas, ameríndias e da Oceania, surgem os museus etnográficos e muitas vanguardas modernistas europeias, casos do expressionismo alemão, do fauvismo e do cubismo, inspiram-se no primitivismo, como eram vistas as manifestações artísticas fora do continente europeu. Além disso, podemos constatar o interesse pelas culturas africanas na Europa com a precursora *Anthologie nègre*, de Blaise Cendrars, de 1921, no mesmo ano o martinicano René Maran ganha o Prix Goncourt, a maior premiação da literatura francesa, com o livro *Batouala*, que trata do cotidiano de uma colônia francesa na África, no livro do etnólogo Leo Frobenius, *Voyage au Congo* (1927). Paris, a capital francesa, passa a ser o local de grande interesse pelas culturas negras do mundo na década de 1920, o jazz norte-americano é exaltado, Josephine Baker se torna a grande estrela daqueles anos, até o grupo de chorinho brasileiro Oito Batutas realiza uma excursão de grande sucesso em 1922.

Não é a intenção deste artigo esmiuçar o negrismo e as suas ramificações pela América Latina, mas sim sinalizar brevemente a sua existência para entendermos como os autores do modernismo brasileiro trataram de temas inspirados nas culturas negro-brasileiras, para depois percebermos a perspectiva de um autor negro-brasileiro, caso de Lino Guedes.

Nessa perspectiva, temos no Caribe de língua oficial espanhola o negrismo presente em Cuba, tendo como principal referência o poeta Nicolas Guillén com os livros *Motivos de son* (1930) e *Sóngoro cosongo* (1931), já em Porto Rico o protagonista foi Luiz Palés Matos com o livro *Tun tun de pasa y grifería* (1924). Luiz Henrique Silva de Oliveira afirma que:

A ideia de negrismo surge nas Américas, principalmente nas Antilhas, como consequência das vanguardas europeias e latino-americanas, associadas aos movimentos de abolição da escravatura, à emergência na cena pública do mosaico que representa a cultura popular e, conseqüentemente, nacional, e, como não poderia deixar de ser, à possibilidade de os povos poderem assumir a liberdade e a igualdade de modo a adquirir vozes próprias. No caso dos territórios americanos, este movimento implica imersão nos universos indígenas e afrodescendente, ficando, portanto, de fora o branco, justamente por ser considerado o opressor – inclusive no campo cultural. (OLIVEIRA, 2014, p. 41)

Oliveira confirma o que David Brookshaw (1983) constatou a respeito da permanência de protagonismo do indígena em relação ao negro no modernismo brasileiro, a antropofagia de Oswald de Andrade mantém o indianismo de Gonçalves Dias e José de Alencar ao

considerar o indígena como o originário do Brasil. Ao analisar o modernismo, Oliveira (2014, p. 54-56) entende que o movimento pouco fez para alterar a imagem do negro, ao contrário, os poemas mantêm os estereótipos, a África é vista com fantasia, por vezes um símbolo vazio ou ausente. Assim, o negrismo teria como principais exemplos os livros *Urucungo* (1933), de Raul Bopp, *Poemas* (1927) e *Poemas negros* (1947), de Jorge de Lima, e *Poemas da negra*, de Mário de Andrade.

No negrismo, a figura do homem negro, quando aparece, é emasculada na passividade do Pai-João, já a mulher negra é retratada com frequência, mas com a visão estereotipada e que retrata a coerção do cotidiano da estrutura colonial, como em “Essa negra Fulô”, de Jorge de Lima:

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô! (LIMA, 1997, p. 257-258 apud OLIVEIRA, 2014, p. 65)

O poema não questiona a ordem colonial, mas sim reforça a sua barbárie e a subalterização da mulher negra, retratada na sua sensualidade e sexualidade, além de reforçar a mensagem da mestiçagem.

Já nos doze poemas que compõem *Poemas da negra* (1929), Mário de Andrade em “Estou com medo”, o sujeito lírico mantém o desejo pela mulher negra, mas, conforme Oliveira (2014, p. 78), “a perturbação identitária do enunciador parece ser, em verdade, um desdobramento da perturbação do sujeito empírico Mário de Andrade [...]. Tanto é que não a assumiu – nem a negou com veemência e em definitivo”:¹

Estou com medo...
Teu beijo é tão beijo
Tua inocência é tão dura,
Feita de camélias.

Oh, meu amor,
Nós não somos iguais! (ANDRADE, 1974, p. 187 apud OLIVEIRA, 2014, p. 78)

Como podemos perceber, os poemas negristas recusam a subjetividade à mulher negra, fixando-se na exposição do desejo do sujeito lírico, na sensualidade e na ausência de amor,

¹ A respeito da crise identitária de Mário de Andrade, conferir CAMARGO, Oswaldo de. *Negro drama: ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

legando a ela a solidão, recusando a família, por conseguinte, a maternidade, o que seria uma característica da literatura brasileira ao representar a mulher negra.

Para finalizar esta seção, temos o livro *Urucungo* (1932), de Raul Bopp, que explora a temática, a oralidade e o uso de palavras de origem africana e busca trabalhar a memória do negro no passado escravocrata, ainda assim, Bopp reforça os estereótipos aos negros como no poema “Marabaxo”:

Negro velho dança no rancho
pisando com a perna pesada
no chão pegajoso.
Bum. Qui-ti-bum Qui-ti-bum. Bum-bum.
Ao redor da fogueira murcha
fêmeas corpeiam num balanço lento
rebolando a bunda. (BOPP, 1956, p. 93 apud OLIVEIRA, 2014, p. 73)

Oliveira (2014) destaca o uso das onomatopeias remetendo ao som dos tambores, mas novamente, a mulher negra aparece nos seus aspectos sensuais, além da ambientação que faz alusão ao exótico, ao cativo. Por fim, concordamos com Brookshaw (1983) quando este demonstra a limitação do escritor branco para tratar do negro ou da negra, ainda que tenha a intenção de mostrar um lado positivo, mostrando a dificuldade desse escritor branco de se desvencilhar das hierarquias raciais, do referencial europeu. Oliveira (2014) complementa que os autores do negrismo não conseguem transmitir a subjetividade da população negra, o que mostra a dificuldade de compreensão desse outro como sujeito. Cuti (2010) afirma que um dos problemas do autor branco brasileiro é a sua dificuldade de acessar a subjetividade negra, visto que é bloqueada pelo racismo.²

Ao analisarmos o negrismo, percebemos que os homens negros quase não são citados, quando aparecem, são emasculados, passivos ou em atividades que remetem ao trabalho escravizado. Assim, o negrismo seguiu como uma forte influência na literatura brasileira, como o negro-tema, numa referência a Guerreiro Ramos, permaneceu sendo trabalhado pelas autoras brancas brasileiras, como demonstra a pesquisa de Oliveira (2014) e Brookshaw (1983), porém, não foi essa a linha seguida pelas autoras negras contemporâneas aos primeiros anos

² “No Brasil, os escritores brancos poderiam ter oferecido ao seu público tais experiências, mas perderam e perdem essa oportunidade por se negar estar não na pele, mas no coração de um negro e, a partir daí, realizar seu texto. [...] Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas, isso porque não só esses autores se negam a abandonar sua brancura no ato da criação literária, por motivos de convicções ideológicas racistas, mas também porque, assim, acabam não tendo acesso à subjetividade negra. Estar no lugar do outro e falar como se fosse o outro ou ainda lhe traduzir o que vai por dentro exige o desprendimento daquilo que somos. Os atores sabem disso. Os escritores pouco sabem ou não querem saber [...]” (CUTI, 2010, p. 88)

do modernismo, e Lino Guedes foi um autor que rasurou o projeto modernista com a sua poesia negra.

A poesia negra de Lino Guedes

Lino de Pinto Guedes³ nasceu em Socorro (SP) no dia 24 de junho de 1897. Filho de ex-escravizados, José Pinto Guedes e Benedita Eugênia Guedes, perdeu o pai quando tinha apenas dois meses de vida. A partir de então, sua mãe seria amparada pelo “coronel” Olympio Gonçalves dos Reis, dos mais importantes homens da cidade. Segundo Domingues (2010), é provável que essa atitude do “coronel” tenha ocorrido pelo fato de os pais de Lino Guedes terem sido seus ex-escravizados. O paternalismo oferecido pelo “coronel” Olympio dos Reis foi proveitoso para Lino Guedes, que aproveitou a oportunidade para estudar e alcançar a sua ascensão social.

Registra-se que Guedes começou cedo na imprensa, aos 13 anos já colaborava no jornal *Cidade de Socorro*. Domingues informa que em 1912 Guedes muda-se para Campinas com o intuito de complementar seus estudos. Nesse ano, foi contratado como revisor auxiliar para o jornal *Diário do Povo*, função que exerceria em diferentes jornais, ainda atuou como “correspondente auxiliar” para os jornais paulistanos *Correio Paulistano*, *A Capital* e *A Platea*. Desde então, Guedes trabalhou para diferentes jornais de Campinas quanto de São Paulo.

Paralelo a essa atuação profissional, Lino Guedes começa a participar da militância negra, atuando em associações negras, com destaque para o Grêmio Recreativo Luiz Gama (1919) e sócio honorário da Sociedade Dançante Belo Horizonte (1916) (DOMINGUES, 2010). Investiu na imprensa negra e o primeiro jornal que fundou foi *A União* – editado pela União Cívica dos Homens de Cor, em 1915. Em 1923, funda com o jornalista Benedito Florêncio e o escritor Gervásio de Moraes o jornal *O Getulino* (1923-1926). Domingues (2010) destaca a admiração de Lino Guedes pelo abolicionista Luiz Gama, sendo a inspiração para o título do jornal. Além disso, *Getulino* era um dos pseudônimos literários utilizados por Luiz Gama. Importante frisar que uma das características da imprensa negra era a celebração de personalidades negras, principalmente os abolicionistas (PINTO, 2013).

Em 1926, Lino Guedes muda-se para São Paulo, a capital, que estava repleta de imigrantes, sendo um polo de tensões sociais e raciais, onde os negros sofriam com a discriminação racial, violência e desemprego (DOMINGUES, 2004). Guedes trabalhou em jornais

³ Em poesia, Lino Guedes publicou *O canto do cisne preto* (1927), *Negro preto cor da noite* (1936), *Urucungo* (1936), *Dictinha* (1938), *Mestre Domingos* (1937), *O pequeno bandeirante* (1937), *Sorrisos do cativo* (1938), *Vigília do Pai João* (1938), *Nova inquilina do céu* (1943) e *Sunsrito* (1951). Em prosa, tem-se os seguintes títulos: *Luiz Gama e sua individualidade literária* (1919), *Black* (1927) e *Ressureição Negra* (1929).

de destaque como o *Jornal do Comércio*, *Correio Paulistano* e *Diário de São Paulo*, neste foi empregado o resto de sua vida. Inferimos que Guedes conseguia transitar no meio jornalístico da cidade, o que não era fácil para uma pessoa negra.

Na capital, Lino Guedes passa a integrar a “elite de cor”, o que não quer dizer que se tratava de uma elite econômica, mas de uma elite formada por pessoas que possuíam instrução e possuíam alguma atividade remunerada, “no funcionalismo público, na área militar, no setor de serviços – como motoristas particulares, empregados domésticos – e, fundamentalmente, como profissionais liberais: advogados, jornalistas, técnicos de nível médio, artistas etc.”. Domingues segue afirmando que:

Ademais, cumpre ressaltar que essa compartimentação dicotômica (elite versus camadas populares de cor) não reflete o complexo, ambivalente e contraditório universo dos comportamentos, dos valores e das ações dos agentes históricos em tela. Para além de posicionamentos fixos na estrutura de classes, os diversos estratos da população negra levavam uma vida instável, de perdas e ganhos, de barganhas e arranjos, de mobilidades horizontais e verticais. Já do ponto de vista cultural, não se apartavam rigidamente, pelo contrário, se comunicavam, transitavam e interagiam cotidianamente. Isto significa dizer que as fronteiras socioculturais, entre os distintos segmentos da população de cor, eram fluidas e movediças (Domingues, 2010, p. 144).

Lino Guedes ainda fundaria o jornal *Progresso*, que durou de 1928 a 1932, onde “procurou convencer o público leitor que seu projeto em prol da emancipação do “negro” – baseado num discurso nacionalista, moralizante, de valorização da “raça”, da educação e da religião – era o melhor” (DOMINGUES, 2010, p. 146). Neste jornal, Lino Guedes utilizava aforismos para expor a sua ideologia, o que pensava para a população negra, ou seja, desejava o afastamento dos estereótipos que marcavam os negros, por outro lado, propunha o caminho que poderia ser o da redenção: “Precisamos combater a vadiagem, o vício, o analfabetismo e a irreligião, pois sem a base do sentimento moral e religioso, cimentado pelo trabalho, é impossível edificar a obra da emancipação moral do negro” (DOMINGUES, 2010, p. 149).⁴

O aforismo apresenta-se no poema “Dedicatória”, aqui transcrito:

Oh, negrada, destorcida!
Que não quer não, outra vida
Melhor que esta de chalaça,
por entre fumo e cachaça;
Prá você, negrada boa,
que chamam de gente à toa,
Alinharei tudo isso.

O que aqui está escrito

⁴ *Progresso*, 20 de agosto de 1930, p. 2.

Não conseguirá saber
 porque ninguém sabe ler...
 Isto muito me desconsola,
 Oh, getulina pachola,[...]
 toma, gente do barulho,

este livrinho – um entulho
 à sua malemolência,
 o qual falará da dor
 desta infeliz gente negra,
 gente daqui da pontinha,
 desgraçada gente minha,
 a gente do meu amor! (GUEDES, [s.d.]).

Conforme Bernd (1988), caracteriza-se no poema a linguagem simples, direta, para uma audiência negra presente nas associações negras, Lino Guedes tinha a preocupação de se fazer entender, estava falando para um público negro, sendo, segundo Cuti (2010), o primeiro poeta negro a ter um público negro. O tom de lamúria do poeta difere do distanciamento e da coisificação do negro presente no negrismo ao não concordar com a opinião do outro, o branco, “que chamam de gente à toa”, para, em seguida, colocar a voz solidária em primeira pessoa do singular, “Alinhavei tudo isso”. O eu lírico ainda mostra a condição de abandono causada pelo analfabetismo, “O que aqui está escrito/ Não conseguirá saber/ porque ninguém sabe ler...”; ainda assim, sobressai o cuidado, o acolhimento do sujeito lírico, mesmo sendo duro na denúncia dos “maus hábitos”.

O poema “Novo Rumo!” dá prosseguimento ao caráter moralista do poeta:

“Negro preto cor da noite”,
 Nunca te esqueças do açoite
 Que cruciou tua raça.
 Em nome dela somente
 Faze com que nossa gente
 Um dia gente se faça!

Negro preto, negro preto!
 sê tu um homem direito
 como um cordel posto a prumo!
 É só do teu proceder
 Que, por certo, há de nascer
 A estrela do novo rumo!

Mais uma vez, Lino Guedes utiliza um artifício que o distancia do negrismo ao relacionar o passado escravocrata com o tempo presente, a abolição havia acontecido há quatro décadas, mas a população negra continuava em estado de penúria. Nos dois poemas, o sujeito lírico de Lino Guedes procura, a sua maneira, realizar a desrepresentação do negro, conceituada por Pinho, tentando mostrar para o leitor/ouvinte negro a necessidade de fugir dos estereótipos, saindo da desumanização, buscando uma nova conduta, o “novo rumo”,

baseada nos valores morais burgueses, buscando a reconfiguração da masculinidade negra subalternizada. O poeta busca, ainda, reforçar, com o seu “didatismo explícito” (GOMES, 2011, p. 353), por meio da lembrança da escravidão a solidariedade étnica.

Outro viés que Lino Guedes investe na sua poesia é o casamento entre o homem negro e a mulher negra, como no poema “Remédio único”:

Unicamente, Dictinha,
Por sermos pretos, que horror!

Muita gente com malícia
Vê nosso sincero amor;
Faz ainda comentários
Que nos enche de pavor
– Negro, só dá para escândalos!
Ao depois de namorar
Acorda um dia qualquer
E vai junto coabitar...
Por um trono, uma Princesa
Foi essa gente trocar!...

Mas com o nosso casamento
Fartar-se-á a exigente
Sociedade, Dictinha;
Salvemos, pois nossa gente!
Dando a ela o que já lhe sobre,
Que é um nome bem decente!

O sujeito lírico usa, mais uma vez, a polifonia para mostrar os pontos de vista do negro e o da sociedade branca, sendo que esta é incisiva ao mencionar o comportamento libidinoso dos homens negros e das mulheres negras, “por sermos pretos”, reforçando os estereótipos de promiscuidade dos negros, que também aparecem na poesia negrista. Porém, o sujeito lírico visualiza no matrimônio, na constituição da família negra a sua resposta para a sociedade. O sujeito lírico não agride essa sociedade que tanto crítica a população negra, mas se enquadra à ordem vigente.

É preciso compreender que uma das principais reivindicações dos homens negros da elite de cor era a constituição de família, do casamento do homem negro com a mulher negra, tanto nas associações como na imprensa negra, o casamento era tratado como o caminho para o respeito e a dignidade dos negros diante da sociedade racista, sendo celebrado nas páginas da imprensa negra e por alguns dos seus principais líderes, como Lino Guedes e Arlindo Veiga dos Santos, este líder da Frente Negra Brasileira, a maior organização negra da década de 1930. Para David Brookshaw, a regeneração da população negra deveria ser pelo casamento:

Esta regeneração dependia em grande parte da dignidade moral do casal negro. O desemprego, a falta de estabilidade econômica, a exploração das mulheres negras

por homens brancos, tudo isso contribuía para que se mantivesse uma tradição de relações sexuais casuais entre negros e, conseqüentemente, para a instabilidade familiar. Na opinião de Guedes e sua geração, não havia solidariedade racial ou de classe, nem comunhão de interesse entre seu povo, porque o instrumento básico para esta solidariedade, o núcleo familiar, fora destruído, ou, mais precisamente, nunca tivera a chance de desenvolver-se. Logo, a instituição a ser incentivada para o renascimento social da população negra era o casamento. (BROOKSHAW, 1983, p. 178-179).

Nesse sentido, não só o poema de Lino Guedes, mas também a postura da elite de cor atuam juntas para subverter o ideal de branqueamento proposto pelas elites brasileiras, valorizando o casamento entre o homem negro e a mulher negra, a valorização da prole. Com isso, retomamos as considerações de Henrique Restier (2019) sobre o duelo viril, agora focalizando sobre o segundo tabu, que é o relacionamento afetivo entre o homem negro e a mulher negra. Segundo este autor, a mestiçagem valoriza as relações sexuais por grupos raciais diferentes, gerando filhos mestiços, sempre buscando o branqueamento. Porém, quando homens negros e mulheres negras não participam desse processo, isso passa a ser um problema. A relação afetiva por um casal negro subverte e decepciona, pois está gerando descendentes negros, trazendo o duelo viril para outros termos. Nesse caso, para os homens negros, a virilidade não dependeria da mulher branca, por outro lado, estaria fortalecendo “laços identitários e a construção política e afetiva de relações familiares sadias com as mulheres negras seria uma das maneiras de desorganizar os termos de tal duelo, reafirmando-o em outro campo de ação” (2019, p. 46). Ou seja, seriam tabus tanto o relacionamento interracial quanto o intrarracial tendo a presença do homem negro, ao fim e ao cabo, o homem negro é que seria o tabu, pois, a ideologia da mestiçagem para se concretizar deveria ter a ausência do homem negro. Porém, quando ele exerce a sua virilidade ele altera a dinâmica do duelo viril, tornando-se um grave problema para a masculinidade hegemônica, ainda mais se “os códigos viris utilizados por eles estiverem em prol de sua coletividade, família, vizinhos, comunidade e povo”, ainda mais sendo complementados por “liderança, senso de responsabilidade, sofisticação intelectual, firmeza moral, autoconfiança, poder de decisão, serenidade, uso da força física para a defesa de seu grupo, dentre outras características que compõem a virilidade” (2019, p. 47-48). O que Restier expõe podemos inferir como objetivos que também eram desejados pela elite de cor, a qual Lino Guedes fazia parte, considerando o contexto histórico adverso para a população negra no estado de São Paulo. Com sua poesia singela, direcionada para uma gente simples, o poeta e ativista buscou a desrepresentação do negro, ainda que dentro do modelo burguês da época.

Considerações finais

Lino Guedes foi muito ativo na imprensa negra e na literatura nas décadas de 1920 e 1930, mas a partir dos anos 1940 reduziu bastante o seu envolvimento com o movimento negro, além de suas publicações rarearem até a sua morte, em 1951. Procuramos demonstrar o quanto a experiência literária de Lino Guedes tentou vislumbrar um caminho para a população negra, fundamentando um importante papel para o desenvolvimento das autorias negras, ainda que distante das propostas de afirmação negra e de reivindicação contra o racismo do Harlem Renaissance e da Negritude francesa. Entendemos que era distinto o momento do Brasil e do negro brasileiro, não possibilitando uma poesia negra mais incisiva, crítica feita por Roger Bastide (1983) ao comparar Lino Guedes ao norte-americano Langston Hughes, o que consideramos inadequado. Lino Guedes não optou pelo conflito, pela crítica mais pesada, talvez pelo contexto radical de racismo em São Paulo, mas foi alguém que soube ser estratégico para trabalhar na grande imprensa da época, ainda que tenha sido acusado por outros lideranças negras como uma pessoa de difícil trato, que gostava de atuar sozinho (CUTI, 2007).

Na vida literária, na sua relação com o modernismo, Lino Guedes viveu à margem, fez da sua poesia um contraponto ao negrismo, demarcando bem a diferença do ponto de vista negro, desde dentro, principalmente ao não usar a erotização do corpo negro, o que seria uma diferença para o ponto de vista dos autores modernistas com seu olhar distanciado escorado no negrismo. O escritor e crítico literário Oswald de Camargo nos ajuda a compreender suas escolhas:

Lino Guedes, se o lembramos hoje, é porque foi tão somente Lino Guedes. E, para ser Lino Guedes, escolheu, no jogo do interesse literário, com quem queria e com quem deveria ficar. Em vez de com jovens ‘extravagantes’, como Mário e Oswald, a ponderação de remanescentes da ‘boa escrita’, como Coelho Neto, João Ribeiro, Silveira Bueno, que o apreciaram em cartas e prefácios.

E reexpomos: Lino Guedes e a imprensa feita por negros, ativíssima no seu tempo, foram representativos do meio social em que surgiram e atuaram. O Movimento de 1922 veio para quebrar, demolir, zombar dos figurões, refazer a mentalidade gasta; os movimentos negros, seus líderes, seus poetas, sua imprensa – sabe-se – não tinham nada para quebrar, mas tudo ainda por fazer. O negro passou ao lado do que não lhe interessava; passou ao lado do Movimento de 1922. Não era aquele o caminho de sua subida, a subida da coletividade negra, ao menos a de São Paulo. (Camargo, xxxx, p. 32-33)

Inspirados pelo posicionamento em prol da coletividade negra na poesia de Lino Guedes que procuramos relacionar com o debate das masculinidades negras, ativo e intenso nos tempos atuais, procurando transmitir, e correndo riscos, com a reflexão aqui proposta a necessidade de desrepresentação do negro, de Osmundo Pinho, e no duelo viril no qual o homem negro é o tabu para o ideal de mestiçagem/branqueamento brasileiro, formulado por

Henrique Restier, vimos o quanto que a poesia de Lino Guedes pode nos auxiliar e estimular outras questões para o desenvolvimento de estratégias dos homens negros em uma sociedade como a brasileira.

THE POETRY OF LINO GUEDES AND THE DILEMMAS OF BLACK MEN IN THE POST-ABOLITION

ABSTRACT: Active in the social movement and in the São Paulo black press from the 1920s until his death in 1951, the writer Lino Guedes (1897-1951) sought to portray in poetry the conflicts and anxieties of the São Paulo black community in the post-abolition period, serving as a source to reflect black masculinities and clashes between black and white men intersected by gender, race, class, religion and nationality. In this article, the analysis of poems is based on Oswaldo de Camargo, Zilá Bernd and Cuti, while black masculinities are based on the formulations of Osmundo Pinho, Henrique Restier, Rolf de Souza and Frantz Fanon.

KEYWORDS: Lino Guedes. Black men. Black masculinities. Black-Brazilian Literature. Race.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CAMARGO, Oswaldo de. *Lino Guedes: seu tempo e seu perfil*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2016.
- CAMARGO, Oswaldo de (org.). *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1987.
- CAMARGO, Oswaldo de (org.). *A razão da chama – antologia de poetas negros brasileiros*. São Paulo: Edições GRD, 1986.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro: 2010.
- CUTI. *...E disse o velho militante José Correia Leite*. 19 ed. São Paulo: Noovha América, 2007.
- DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra no modernismo brasileiro*. 2a. ed. Campinas: Pontes Editores, 2003.
- DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil, 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2019.
- DOMINGUES, Petrônio. Lino Guedes: de filho de ex-escravo à “elite de cor”. *Revista Afro-Ásia*, n. 41. p. 133-166, 2010. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_41_PDomingues.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.
- DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras, brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

- FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo (1920-1945)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da raça branca)*. v. 1. 5a. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- GOMES, Heloisa Toller. Lino Guedes. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Precursores*. v. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 349-364.
- GUEDES, Lino. *O canto do cisne negro*. São Paulo: Áurea, 1926.
- GUEDES, Lino. *Negro preto cor da noite*. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1936.
- GUEDES, Lino. *Urucungo*. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1936.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *Negrismo: percursos e configurações em romances brasileiros do século XX (1928-1984)*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? *Democracia Viva*, n. 22, p. 64-69, jun.-jul. 2004.
- PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.
- SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Rastros do Cisne Preto: Lino Guedes, um escritor negro pelos jornais (1913-1969). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 62, p. 597-622, set.-dez. 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/69143/70173>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019. p. 21-52.
- SOUZA, Rolf Malungo de. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. *Antropolítica*, Niterói, n. 34, p. 35-52, 1. sem. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41516/23636>. Acesso em: 23 maio 2022.

Recebido em: 17/09/2022.

Aprovado em: 22/03/2023.